

**AS RELAÇÕES ENTRE FRONTEIRA, TERRITÓRIO E PAISAGEM E SEUS
DESDOBRAMENTOS NA ATIVIDADE TURÍSTICA NA ZONA DE FRONTEIRA
BRASIL-PARAGUAI**

**THE RELATIONS BETWEEN BORDER, TERRITORY AND LANDSCAPE AND
THEIR CONSEQUENCES ON THE TOURIST ACTIVITY IN THE BORDER AREA
BRAZIL-PARAGUAY**

Bruno de Souza LIMA¹
Hamilton ROMERO²

Resumo: Este trabalho apresenta uma leitura a partir das relações entre fronteira-território-paisagem e turismo, no contexto das áreas de fronteira entre Brasil e Paraguai. Configura-se também como parte da disciplina Tópicos Especiais III: Geografia Política e Fronteira, do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Assim como parte das atividades propostas para a disciplina, foi realizado trabalho de campo em três cidades fronteiriças, sendo elas: Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY, Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY, Foz do Iguaçu-PR e Ciudad del Este-PY. Nesse sentido, o texto que se apresenta é resultado de leituras e observações dos autores, onde buscou-se, por meio da relação entre teoria e prática, compreender os processos e dinâmicas que dão conteúdo à vida social e permeiam as relações sociais e socioespaciais entre os sujeitos, seus lugares, viveres e fazeres, os quais, por sua vez, imprimem e constroem a fronteira enquanto um modo e espaços de vida singulares.

Palavras-chave: Fronteira; Território; Paisagem; Turismo de compras.

Abstract: The present work presents a reading of the relations between border-territory-landscape and tourism in the context of the border areas between Brazil and Paraguay. It is also part of the subject Special Topics III: Political Geography and Border, of the Postgraduate Program in Geography at the Federal University of Grande Dourados – UFGD. As part of the proposed activities for the subject, fieldwork was conducted in three border cities: Ponta Porã-MS and Pedro Juan Caballero-PY, Mundo Novo-MS and Salto del Guairá-PY, Foz do Iguaçu-PR and Ciudad del Este-PY. In this sense, the text is the result of the authors' readings and observations, where they attempted, through the combination of theory and practice, to understand the processes and dynamics that provide content to social life and permeate the social and socio-spatial relations among people, their places, lives, and activities that, in turn, imprint and construct the border as a unique way of life and spaces.

Keywords: Border; Territory; Landscape; Shopping Tourism.

Introdução

Este texto constitui-se num esforço coletivo de apresentarmos uma leitura sobre a temática que envolve o estudo geográfico — teórico e prático — acerca de algumas das

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Licenciado em Geografia, mestre e doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: hamiltonromero@hotmail.com

² Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Mestre e doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: bruno_mxsl@hotmail.com

possibilidades de acepções de paisagem e fronteira, sendo também o resultado de discussões teóricas e de vivências práticas³ nas zonas de fronteira entre Brasil e Paraguai, as quais especificaremos no decorrer deste trabalho.

A fronteira, enquanto uma área de múltiplas complexidades, requer um olhar crítico e analítico acerca dos elementos e dos sujeitos que incidem influência e particularidades. Na relação com o território e a paisagem, as áreas fronteiriças nos revelam algumas das possibilidades a serem exploradas frente a diferentes configurações encontradas nas fronteiras, inclusive a atividade turística.

Sendo assim, num primeiro momento, tratamos de localizar as bases teóricas elementares que contribuem para a compreensão da fronteira sob a perspectiva de alguns autores, aliada à nossa visão de sobrevoo (SOUZA, 2007) acerca da temática em tela.

Tratamos também de algumas questões teóricas relacionadas ao turismo em áreas de fronteira, visto que as localidades analisadas nesse trabalho possuem uma intensa relação com essa atividade econômica da sociedade contemporânea, ou seja, o turismo de compras.

Assim sendo, compreender as paisagens na faixa de fronteira Brasil-Paraguai permite relacionar as diversas dinâmicas fronteiriças que envolvem e impulsionam os fluxos turísticos nessas localidades.

Como recorte espacial, na presente investigação, essa compreensão se assenta sob nossos olhares às fronteiras entre Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY, Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY, Foz do Iguaçu-PR e Ciudad del Este-PY.

Importante frisarmos que as análises e descrições realizadas a seguir são o resultado de nossas interpretações, com base nas experiências obtidas durante trabalho de campo⁴ da disciplina “Tópicos Especiais III: Geografia Política e Fronteira”, no qual foi possível perceber as relações entre fronteira-território-paisagem e turismo, no contexto Brasil-Paraguai-Argentina.

O trabalho apresenta uma grande quantidade de fotografias. Optamos por esta apresentação, com vários registros fotográficos, pois os mesmos fizeram parte da experiência de campo e têm objetivo de expressar a diversidade e complexidade da dinâmica de relações

³ Cabe destacar que o ato de *vivenciarmos uma experiência* pressupõe uma prática real e vivida. No entanto, com as tecnologias disponíveis (e vasto referencial bibliográfico) é possível aos sujeitos obterem experiências virtuais semelhantes à ideia tradicional de prática. Acreditamos que a experiência real e humana, o contato com as diferenças e a oportunidade de conhecimento *in loco* asseguraram aos autores maior credibilidade para tratar da temática fronteira.

⁴ O trabalho de campo ocorreu entre os dias 29 de novembro e 02 de dezembro de 2018.

sociais produzidas na e pela fronteira, o que nos permitiu, além de ilustrar, fomentar as discussões entre teoria e prática.

O trabalho de campo contou também com diversos relatos dos mais diferentes sujeitos encontrados ao longo da rica expedição, como exemplo: vendedores ambulantes, comerciantes, população local, professores e alunos de instituições de Ensino Superior do Brasil e do exterior.

Fronteira: primeiras acepções para leitura e compreensão

Com relação à temática da fronteira, é comum a relacionarmos com as delimitações territoriais que distinguem um território de outro. Porém, a significação da fronteira vai muito além dos aspectos territoriais. Nesse sentido Martins (1997), em seus estudos, aponta para o fato da fronteira não se reduzir à linha que separa territórios, sendo antes uma fronteira de muitas e diferentes coisas, podendo ser fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira étnica, fronteira da História e da historicidade do homem. O autor ainda ressalta que deve ser considerada principalmente a fronteira do humano, e que, nessa perspectiva, é no caráter litúrgico e sacrificial da fronteira que o outro é degradado, de maneira que viabilize a existência de quem o domina, subjuga e explora.

Segundo Raffestin, “a fronteira não é uma linha, a fronteira é um dos elementos da comunicação biossocial que assume uma função reguladora” (2005, p. 13). A fronteira seria então uma expressão do equilíbrio dinâmico que não se encontra somente no sistema territorial, mas sim em todos os sistemas biossociais.

Sendo assim, Raffestin (2005) descreve que a fronteira, na sua função, pode ser interpretada, tanto no sentido político como no sentido sociocultural. O autor diz ainda que a necessidade de diferenciação pode ser tomada através do remanejamento dos sistemas institucionais dos códigos e dos ritos, do planejamento político, econômico e cultural. Porém se a rigidez impede estes remanejamentos, é evidente que serão então fragmentações territoriais que irão se impor.

Nesse sentido a fronteira constitui-se em encerramento de um espaço, limitação de algo, fixação de um conteúdo e de sentidos específicos, conceito que avança para os domínios da construção simbólica de pertencimento denominada identidade e que corresponde a um

marco de referência imaginária, definido pela diferença e alteridade na relação com o outro (HANCIAU, 2005).

A ideia de civilização reforça a de fronteira, onde o “civilizado” impõe sua lógica ao “não-civilizado”, de modo que sua ideologia seja tomada como verdade absoluta, impondo-a para os “outros”. Esse pensamento é compartilhado por Albuquerque (2010) quando explana que a civilização simboliza a autoimagem de superioridade que o ocidente estabeleceu em relação aos outros povos.

Nessa perspectiva de civilização, Hanciau cita a expansão colonial e sua implicação no encontro de etnias: “Em princípio, a expansão colonial misturou o que não estava misturado: corpos puros, cores fundamentais, elementos homogêneos, isentos de qualquer ‘contaminação’” (2005, p. 6).

A fronteira é, sobretudo no que se refere aos diferentes grupos dos chamados civilizados, os que se situam “do lado de cá”, um cenário de intolerância, ambição e morte. Já no âmbito dos diversos grupos étnicos que estão “do outro lado”, e no âmbito das respectivas concepções do espaço e do homem, a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos (MARTINS, 1997).

Dentro dessa mistura de etnias, Hanciau (2005) reforça que a miscigenação acerca da diferença cultural tem a possibilidade tanto de ser consensual quanto conflituosa. Ou seja, o embate de diversas correntes culturais representadas por diversas etnias possibilita que esse “encontro” seja aceito de uma maneira positiva e compartilhada, como também pode ser conflituosa, supressiva e exterminadora.

Uma perspectiva “positiva” de contato salientaria as inter-relações dos indivíduos, tratadas não em termos da separação ou segregação, mas de presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, mesmo que frequentemente dentro de relações assimétricas de poder (HANCIAU, 2005).

Essa perspectiva positiva vai ao encontro da ideia realçada por Martins (1997), onde o autor afirma que, na fronteira, o homem não se encontra, mas sim se desencontra. Essa visão permite reforçar a noção de fronteira enquanto marco de diferenciação entre o “nós” e o “eles”, onde se estabelece e reforça a alteridade entre grupos distintos.

A fronteira, na condição de invariável estrutural ubíqua, é grande reveladora da necessidade que as sociedades têm de serem inventoras dos modos de diferenciação no

contexto espaço-temporal, modos que condicionam a seguir toda uma ordem vivente, definida tanto biologicamente como culturalmente (RAFFESTIN, 2005).

Nesse ponto, Hanciau (2005) lembra que antes de serem marcos físicos ou “naturais”, as fronteiras são o produto da capacidade imaginária de retratar a realidade. Isto é, por meio de um mundo paralelo de sinais que apontam um olhar e a apreciação, homens e mulheres percebem e qualificam o corpo social, o espaço, o próprio tempo e a si mesmos.

Portanto a ideia de fronteira para além do aspecto territorial implica relações entre os “diferentes”, no convívio com a diversidade e com culturas que não correspondam totalmente, ou correspondam parcialmente, à cultura previamente estabelecida “do lado de cá” da fronteira. Esse convívio, por mais conflitante que seja, estará exposto ao contato com a outra parte, de maneira que diferentes relações de contato com o outro são estabelecidas, sejam elas positivas, negativas ou até mesmo neutras.

Quem conhece a fronteira sabe perfeitamente que nela, de fato, essas “faixas” se mesclam, se interpenetram, pondo em contato conflitivo populações cujos antagonismos incluem o desencontro dos tempos históricos em que vivem (MARTINS, 1997).

Martins (1997) ainda faz uma reflexão de que, em sua opinião, dentro desse conflito, a fronteira se caracteriza como o lugar da alteridade, e isso a torna uma realidade singular. Segundo ele, à primeira vista a fronteira é o lugar de encontro dos que, por diferentes razões, são diferentes entre si. São exemplos disso os índios de um lado, e os “civilizados” do outro; os grandes proprietários de terra de um lado e os camponeses do outro.

Partindo do princípio apontado pelo autor quanto às mesclas das faixas de fronteira, o encontro das diferentes partes da fronteira reflete na relação de mestiçagem, onde o “nós” e os “outros” formam uma nova concepção de vida. Essa premissa é confirmada por Hanciau por meio da análise da mestiçagem étnica. Para o autor “a mestiçagem supõe a convergência de elementos díspares de proveniência europeia, ameríndia e africana, em sua origem estrangeiros uns aos outros, que se ajustam entre si, reorganizando-se, conferindo-lhes um novo sentido” (2005, p. 6).

Para falar em fronteiras, na confluência de duas ou mais correntes genéticas de cromossomos em constante “travessia”, a mistura de etnias gera uma espécie mais mutável e maleável, uma progenitura híbrida (HANCIAU, 2005).

A fronteira só deixa de existir, de acordo com Martins (1997), quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o “outro” se torna parte do “nós”.

Nessa perspectiva, uma ambivalência se faz sentir. De um lado, a “desfronteirização” alarga o conceito de unificação e abre novos campos de aceitação e identidade; de outro, se repetida ou muito aberta, ao evidenciar os processos de globalização e seus movimentos, a unificação pode provocar a insegurança ou o medo da negação das identidades locais (HANCIAU, 2005).

Portanto, a discussão seria em torno da aceitação, compreensão e trocas com a identidade do outro e, ao mesmo tempo, buscar a afirmação das identidades existentes, de maneira que não se faça necessária a brutal rejeição do outro enquanto sujeito dotado de diferenças, mas sim que essas relações sejam estabelecidas sem que necessariamente haja uma segregação ou menosprezo daquilo que não é comum dentro de um conceito cultural.

Ainda na perspectiva apontada por Hanciau (2005) acerca da mestiçagem, vale acrescentar que as relações sociais ultrapassam a mera convivência entre sujeitos “diferentes” em uma região de fronteira. Estamos falando das relações afetivas e, por que não, amorosas entre tais sujeitos? O casamento entre brasileiros e paraguaios deu origem aos chamados “brasiguaios”, filhos que vivem e constroem novas relações, uma vez que não são exclusivamente pertencentes ao “lado de cá” e nem ao “lado de lá”. Nesse processo, pudemos verificar também, de acordo com Martins (Op. cit.) que há um longo caminho para dissolução dos conflitos, mesmo quando o outro se torna parte de nós. A fronteira insiste, persiste em se fazer presente em diversos aspectos, seja no econômico, social, político ou cultural.

Por fim, o conceito de *zona de fronteira*, discutido por Ferrari (2013), “se caracteriza por interações que, embora internacionais, criam um meio geográfico próprio de fronteira, só perceptível na escala local-regional” (2013, p. 88). Tal asserção é bastante oportuna para a análise a que nos propomos empreender, visto que auxilia a compreender as espacialidades às quais ativemo-nos. Além disso, ainda conforme a autora, “podemos tomá-las [as zonas de fronteira] como produto e condição de um conjunto de interações materiais e imateriais estabelecidas entre os fronteiriços, e compreendê-las significa ir além da visão dos sujeitos com identidades diferenciadas” (Op. cit. p. 88).

Fronteira, paisagem e turismo: alguns apontamentos para a inter-relação

Dentro da discussão acerca da fronteira e suas dinâmicas, outro elemento transcende as linhas estabelecidas como fronteira: a paisagem. Essa categoria analítica é tratada por

autores como Ab’Saber (2003), Santos (2006), Rodriguez, Silva e Cavalcanti (2007), Puntel (2012), Martins (2012), dentre outros. Nessa concepção, a paisagem é vista como um conjunto de elementos que caracterizam um determinado espaço e um determinado tempo, marcando a materialização da relação da natureza e do homem ao longo dos anos.

No turismo, a paisagem é vista como importante elemento a ser utilizado na atratividade de diversos destinos turísticos, conforme indicam Trigo (2001), Marujo e Santos (2012), Vieira e Oliveira (2012), Puntel (2012), dentre outros. Essa relação do ideário de “paraíso perdido” ou de “paisagens raras” permeia o imaginário dos turistas e visitantes, estimulando o desenvolvimento de fluxos turísticos em diversas paisagens, inclusive em áreas de fronteira. Agregam-se ainda elementos de “raridade e exclusividade” que são (construídos e) vendidos.

No caso da fronteira entre as cidades de Pedro Juan Caballero-PY e Ponta Porã-MS, nas palavras de Pereira (et. al., 2014, p. 798), “a intensificação do comércio internacional impulsionou o desenvolvimento da infraestrutura turística e de apoio das cidades-gêmeas, que estão voltadas tanto para o atendimento da população quanto à recepção dos visitantes”.

Nesse sentido, nota-se que há uma relação entre ambos os lados na construção de condições que viabilizem uma relação mais homogênea, afastando as divergências, aproximando as duas cidades com o propósito de fortalecer o comércio, minimizando, em alguns momentos, os traços que distinguem quem está do “lado de cá” e quem está do “lado de lá”.

La relación del turismo con el espacio se basa en el consumo. Esta actividad no consume el espacio como cualquier otra: así pues, su huella está vinculada con el acompañamiento de la fuerza productiva (infraestructuras de acceso y de alojamiento principalmente), pero también con la motivación del desplazamiento turístico. (SZARY, 2007, p. 62)

Assim, no que se refere à infraestrutura, importante salientar que do lado paraguaio a cidade conta com um dos maiores *shopping centers* construídos, com a principal finalidade de atender turistas brasileiros que se deslocam de diversas partes do Brasil. O Shopping China é uma das lojas mais tradicionais do comércio de importados no Paraguai. Possui unidades independentes nas três cidades visitadas durante nossas atividades de pesquisa. O histórico e a dimensão deste empreendimento renderam à Unidade de Pedro Juan Caballero o título de “melhor shopping de importados do mundo”, conforme jornal de circulação no Estado de Mato Grosso do Sul, o qual afirma que “no último dia 05 de outubro, na cidade de Cannes –

França foi realizado o evento *Frontier Awards* 2016, considerado o Oscar do mundo empresarial, e o Shopping China saiu campeão pela terceira vez (2013-2014-2016)”⁵.

Em Pedro Juan Caballero-PY, quem visita o comércio de rua tradicional, constata uma distinção na paisagem entre as cidades gêmeas, tanto no que se refere à paisagem física quanto às diferenciações das relações sociais, e às instituições legais. Por exemplo, podemos mencionar a venda de medicamentos, inclusive alguns psicotrópicos, sem a exigência de receituário médico (obrigatório nas farmácias brasileiras); a não obrigatoriedade do uso de capacete por motociclistas, cuja não utilização no Brasil implica em penalidade prevista no CTB; o porte de armas de alto calibre por seguradoras paraguaios na entrada de diversos estabelecimentos comerciais, sobretudo nos que vendem produtos de maior valor comercial⁶, prática essa que não é vista com a mesma “normalidade” em lojas do comércio brasileiro.

Vale ressaltar que a atividade turística não só pode modificar a paisagem, como comprometer a vida econômica de uma determinada localidade. Conforme alerta Ruschmann (2001), a instabilidade da demanda pode chegar a provocar um colapso econômico em determinado destino turístico que dependa exclusivamente de tal atividade para sua sobrevivência.

Assim, considerando o exposto, tanto na perspectiva de uma leitura sob o viés da paisagem, quanto do turismo, julgamos pertinente para a compreensão de ambos, a busca de seu entendimento pela ótica das relações entre os sujeitos que dão forma e conteúdo ao espaço fronteiriço e imprimem as singularidades e pluralidades de cada fronteira.

Nesse sentido, dedicamo-nos a seguir à análise de algumas das características das três áreas de fronteiras visitadas, identificando os elementos percebidos *in loco*.

A zona de fronteira de Ponta-Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY

Enquanto “fronteira seca”, conforme indicado na Figura 1, percebe-se claramente uma linha divisória-territorial separando as cidades de Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY, inclusive designado por marcos divisórios. Entretanto, apesar da tentativa de separação dos municípios, os fluxos impressos pela fronteira fazem com que esta se dissolva, permitindo um entrelaçamento das relações comerciais e culturais, possibilitando uma conjuntura de uma

⁵ Reportagem do Jornal *on-line* O Progresso: “Shopping China é premiado como a “Melhor loja de importados do Mundo”. Disponível em: <http://www.progresso.com.br/noticias/shopping-china-e-premiado-como-a-melhor-loja-de-importados-do-mundo/224212>. Acesso em: 12 nov. 2018.

⁶ O fato supramencionado pode ser verificado nas três áreas de fronteira analisadas durante a realização do trabalho de campo.

“nova territorialidade fronteiriça”, marcada por novas relações. Apesar da linha divisória, os fluxos e interações sociais parecem constantes, ou melhor, não são restritos por esses marcos divisórios. Desta maneira se apresenta uma interação homogênea entre os indivíduos para além da fronteira seca, expressando o conceito de zona de fronteira (FERRARI, 2013).

Enquanto paisagem urbana, a linha de fronteira é permeada por uma grande quantidade de barracas, lojas, ambulantes, faixas e outdoors. É praticamente impensável visualizar a paisagem urbana da fronteira sem o seu grande fluxo de carros, motos e pessoas e os gritos de “*Pramil pro sogro, señor?*” ou “*Pendrive Señor!*” proferidos por vendedores ambulantes, que “perseguem” turistas na corrida desesperada pela venda destes e de outros produtos como meias, limpadores de para-brisa. Há também os sustos provocados pelos aparelhos de descarga elétrica, utilizados como arma de defesa pessoal, igualmente vendidos pelos ambulantes. Enfim, uma mescla de informações, práticas e modos de vida cotidianos na zona de fronteira.

Figura 1 – Zona de fronteira Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Para além da condição comercial, a qual notavelmente se destaca, a fronteira Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY conta com forte apelo histórico, contexto este que pode ser materializado na visita à *Casa Museo de Historia de la Frontera*, ilustrado nas figuras 2 e 3, local que conta com um rico acervo particular sobre a história fronteiriça Brasil-Paraguai.

Figura 2 – *Casa Museo*, em Pedro Juan Caballero-PY.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Figura 3 – Área interna da *Casa Museo*, em Pedro Juan Caballero-PY.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

De acordo com Pereira (et. al. 2014, p. 795), “a venda de produtos importados movimentam um grande fluxo de pessoas nesta fronteira, consolidando a atividade turística. Com isto, pode-se observar que a fronteira em si não é a principal atração para o turismo, mas sim as atividades que estão em seu entorno”.

Visitar a fronteira Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY pode ser uma experiência para além das capturas visuais da paisagem. Considerando que compreender a paisagem perpassa outros aspectos além do visível, visitar e experimentar a culinária paraguaia corrobora para um importante exercício para a compreensão da paisagem, assim como do território e da relação fronteiriça entre Brasil-Paraguai. Em Pedro Juan Caballero-PY, o Restobar 1899 (Figura 4) apresenta-se como uma experiência ímpar de história, cultura e culinária local.

Assim como o aspecto cultural-histórico, a gastronomia ainda aparece timidamente nos anseios dos visitantes que transitam diariamente entre Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY. As experiências gastronômicas, em grande parte, limitam-se às porções mais próximas da fronteira, principalmente nos restaurantes localizados no *shopping center* e no centro principal das cidades, apresentando-se mais como uma “necessidade vital” do que uma experiência de integração cultural. Cabe ainda destacar, em relação à gastronomia, a venda da tradicional chipa paraguaia. É possível adquirir essa iguaria da culinária paraguaia diretamente das senhoras paraguaias em barracas expostas nas ruas do centro comercial de Pedro Juan Caballero, evidenciando que a cultura e os hábitos alimentares não estão restritos às formalidades dos estabelecimentos comerciais regulamentados.

Considerando as relações territoriais-fronteiriças entre Pedro Juan Caballero-PY e Ponta Porã-MS, sua paisagem urbana e sua diversidade cultural, identificamos nas ações da Prefeitura de Ponta Porã-MS o interesse em desenvolver ações que viabilizem a estruturação turística, a fim de que essas “potencialidades” possam ser exploradas e, assim, estimular o desenvolvimento econômico da cidade.

Figura 4 – Área interna do *Restobar 1899* em Pedro Juan Caballero-PY.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Figura 5 – Palestra realizada na câmara municipal de Ponta Porã-MS.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Nesse contexto, estudos e ações vêm sendo desenvolvidas com intuito de compreender as possibilidades de exploração turística na zona de fronteira entre as cidades. As propostas do poder público foram apresentadas em uma palestra realizada na Câmara Municipal de Ponta Porã-MS, conforme ilustrado na figura 5.

A zona de fronteira de Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY

Ao cruzar a fronteira Brasil-Paraguai na zona compreendida entre os municípios de Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY, um aspecto que chama a atenção é sua paisagem arborizada, ausente no lado brasileiro dessa fronteira, onde as atividades agropecuárias são predominantes, quando comparadas com o lado paraguaio. A Figura 6 ilustra a rodovia do lado paraguaio. De um lado há apenas a mata preservada, enquanto do outro lado são as grandes formas comerciais modernas (grandes lojas e *shoppings centers*) que se destacam no percurso até o centro da cidade de Salto del Guairá. Essa característica oferece aos turistas, que vão ao lado paraguaio realizar compras, maior facilidade de estacionamento de veículos, no mesmo sentido da circulação da rodovia que dá acesso à cidade de Salto del Guairá.

Figura 6 – Rodovia de acesso à fronteira Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Em relação às características ambientais dessa zona de fronteira, destaca-se o *Refúgio Biológico Mbaracayu* (Figura 7), localizado em Salto del Guairá-PY. O refúgio faz parte do projeto de reflorestamento ambiental proposto pela Itaipu binacional. Este é apenas uma das 10 áreas sob controle da usina. Essa condição de apadrinhamento ambiental suscita discussões mais verticalizadas, por isso, apesar dessa discussão vir à baila, merece maior atenção em um outro momento.

Figura 7 – Fachada Refúgio Biológico Mbaracayu.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Dentro do refúgio é possível observar uma paisagem arborizada ainda mais densa, a qual dispõe de trilhas (Figura 8). Estas trilhas formam caminhos até chegar ao mirante do rio Paraná (Figura 9), estrutura em processo de construção, juntamente com um observatório de pássaros e um centro receptivo aos turistas (Figura 10).

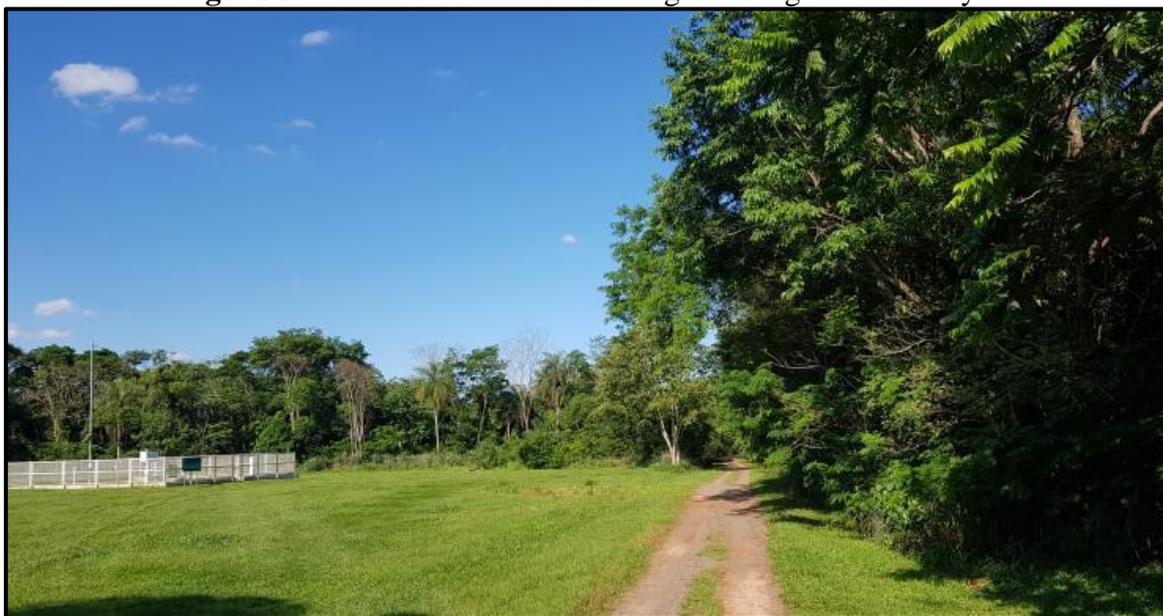
Para Szary (2007),

El funcionamiento sistémico del turismo se basa en un juego de actores verdaderamente multiescalares en un contexto de descentralización liberal. En respuesta a dichas transformaciones, y para regularlas, se han adoptado varias medidas de protección del medioambiente: consolidación de los espacios naturales protegidos existentes, extensión de los perímetros de conservación, clasificación de los centros naturales y arquitecturales en la lista del patrimonio mundial de la humanidad. (SZARY, 2007, p. 61)

Apesar da construção destas estruturas que alteram a paisagem e propiciam maior conforto ao turista, os caminhos que nos levam às trilhas permitem adentrar em um ambiente permeado pelos sons dos pássaros, pelo cheiro da vegetação e pelas picadas dos mosquitos, trazendo à tona a experiência de “reencontro” com a paisagem natural na zona de fronteira.

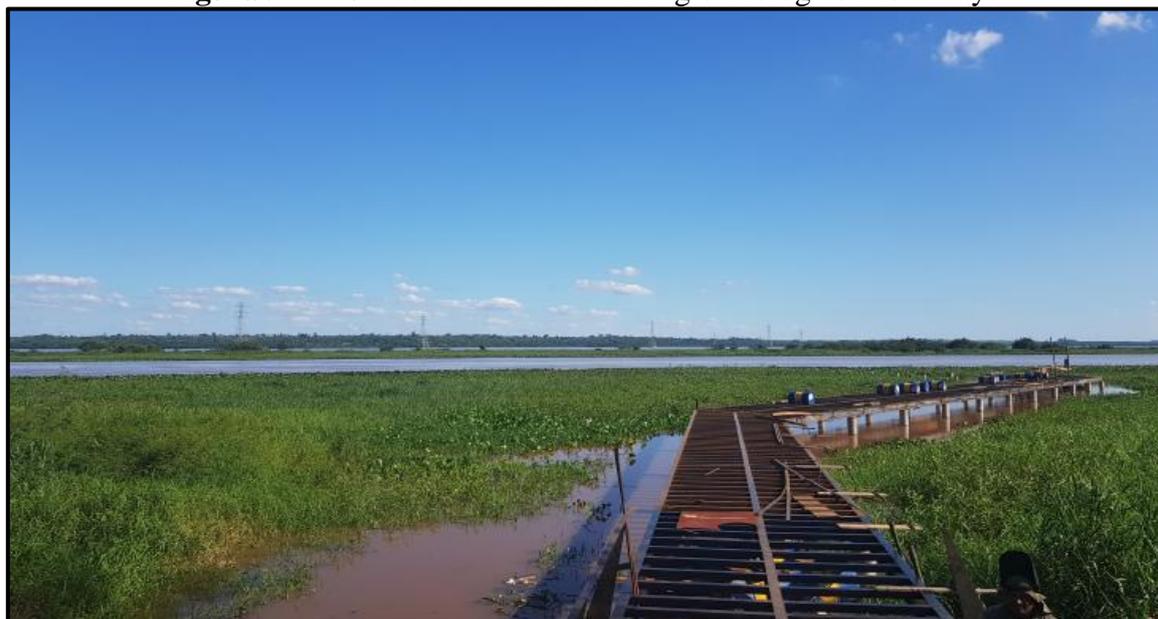
O local ainda passa por ampliação de sua infraestrutura para o turismo. A construção de uma passarela sobre o rio Paraná (Figura 9) objetiva explorar ainda mais o contato do turista com a “natureza”, ao passo que o Centro de Recepção ao Turista (Figura 10) garante apoio e conforto aos visitantes do local.

Figura 8 – Entrada de trilhas no Refúgio Biológico Mbaracayu.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Figura 9 – Vista do rio Paraná no Refúgio Biológico Mbaracayu.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Ao estabelecer o controle sobre a circulação de bens, mercadorias e pessoas a estrutura da Receita Federal Brasileira demarca de maneira bastante clara a fronteira entre os países. Observa-se também algumas marcações ao longo da fronteira (Figura 11), as quais expressam física e simbolicamente a divisão territorial. Diferentemente da zona de fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, há uma extensa estrada separando as cidades de Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY.

Figura 10 – Centro de Recepção ao Turista em construção no Refúgio Biológico Mbaracayu.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Figura 11 – Marco divisório na zona de fronteira Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Contudo, assim como na fronteira Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY, a dinâmica territorial da faixa entre Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY possui sua paisagem urbana marcada pelas relações comerciais (Figura 12), as quais suscitam um grande fluxo de turistas e visitantes em busca de diversos produtos da fronteira. Apesar da

semelhança da dinâmica, percebe-se que o fluxo e relações são um pouco menos intensos que na fronteira anteriormente tratada.

Uma justificativa para o fluxo comercial menos intenso nesta fronteira é o controle estatal visível e facilmente identificável aos brasileiros que adentram a cidade de Salto del Guairá-PY, visto que precisam, obrigatoriamente, passar pelo posto de fiscalização da Delegacia da Receita Federal. Tal edificação reforça a concepção de fronteira como limite, onde o estado-nação moderno exerce sua soberania e necessita da imposição de limite preciso (e visivelmente demarcado) para tal exercício de poder.

Figura 12 – Área comercial em Salto del Guairá-PY.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

A zona de fronteira de Foz do Iguaçu-PR e Ciudad del Este-PY

A terceira e última fronteira Brasil-Paraguai, tratada neste trabalho, é a que se estabelece entre as cidades de Foz do Iguaçu-PR e Ciudad del Este-PY. Conforme já dito na fronteira Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY, a usina hidroelétrica binacional Itaipu, como o próprio nome sugere, mantém intrínsecas relações entre Brasil-Paraguai. Assim, uma experiência bastante expressiva que o turista pode obter nessa zona de fronteira é a visitação à própria usina (Figura 13). A imponência da usina, seu tamanho, seus sons e organização denotam um espaço fronteiriço funcional (geração de energia) e que se aproveita de uma paisagem da engenharia internacional para exploração turística. Além da usina, o centro

ambiental Itaipu dispõe de um museu, denominado *Museo Itaipu*, o qual concentra um relevante acervo da biodiversidade, da história e da cultura local (Figura 14).

Figura 13 – Instalações da usina Itaipu Binacional A – Represa; B área interna da Usina; C – Turbina.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

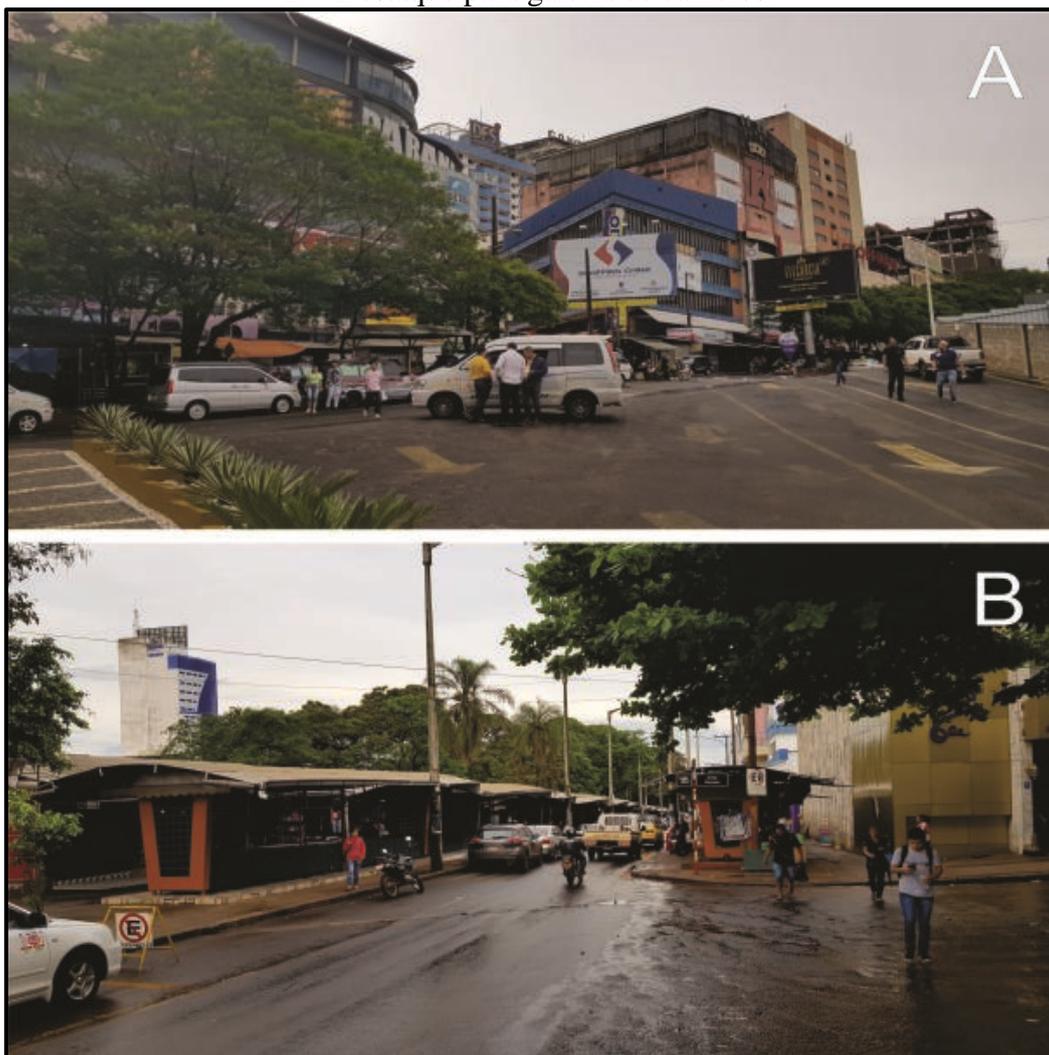
Figura 14 – Instalações do museu da Itaipu binacional. A – Fachada da recepção. B – Ambiente interno. C – Esculturas no ambiente interno do museu.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Do ponto de vista das dinâmicas econômicas, nota-se na zona de fronteira Foz do Iguaçu-PR e Ciudad del Este-PY algo muito semelhante às demais fronteiras apresentadas: o fluxo comercial em decorrência do turismo de compras (Figura 15). O fluxo comercial nessa fronteira é mais expressivo, semelhante à fronteira Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY. A paisagem urbana, mas especificamente em Ciudad del Este, é composta pelo fluxo de grande contingente de pessoas, carros, motos, bicicletas e andarilhos. Os sons são intensos e, em alguns momentos, percebe-se até mesmo um forte odor oriundo do lixo nas ruas da principal área comercial desta cidade. Destaca-se a grande quantidade de taxis, moto-taxis e vans, em função da necessidade de cruzar a fronteira com Foz do Iguaçu-PR. Os próprios motoristas admitem que há “facilidade” e menos riscos de apreensão de mercadorias pela fiscalização quando se faz uso deste serviço de transporte.

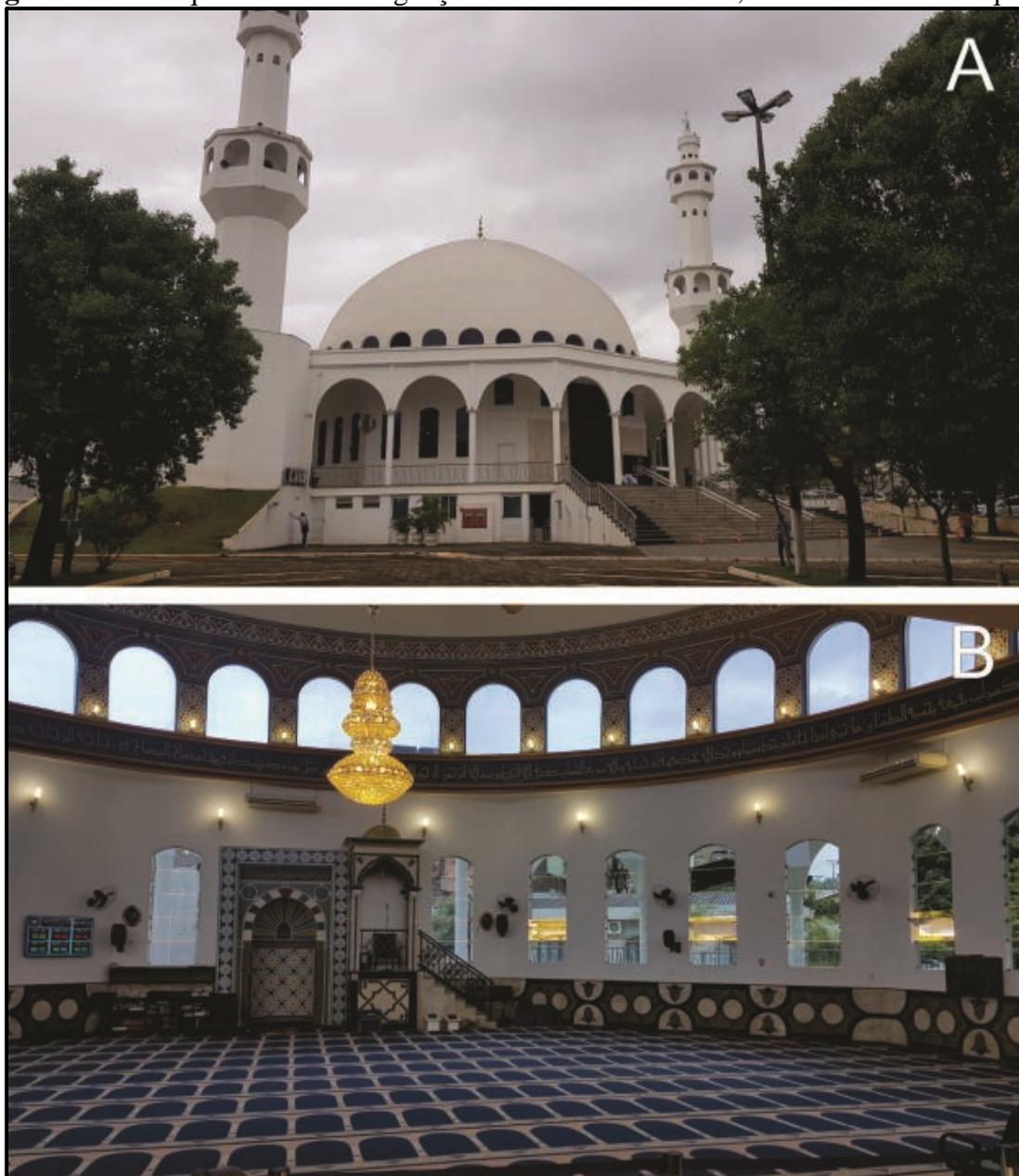
Figura 15 – A – Área comercial na Ciudad del Este-PY.
B – Destaque para galería de camelôs.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Outra característica que merece destaque nessa fronteira é seu caráter cosmopolita. Tanto do lado brasileiro quanto do paraguaio é possível encontrar pessoas oriundas de diversos países do mundo. Prova disso é a presença de mesquitas em ambos os países. Na visita à mesquita de Foz do Iguaçu (Figura 16A e B), foi possível identificar a forte estrutura religiosa mantida por seus fiéis, inclusive na obrigatoriedade do turista de atender as normas religiosas exigidas para a visitação, como silêncio, vestes especiais (para mulheres) e não exceder a área permitida aos visitantes.

Figura 16 – Mesquita em Foz do Iguaçu-PR. A – Área Externa; B – Interior da Mesquita.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Por fim, ampliamos um pouco a abordagem e destacamos que, para além da fronteira Foz do Iguaçu-PR e Ciudad del Este-PY, um outro município apresenta-se como agregador dessa fronteira: Puerto Iguazu, na Argentina. Assim, para além de uma zona de fronteira entre dois países, encontra-se aqui uma tríplice fronteira, marcada por suas dinâmicas e relações entre os três países. O ponto turístico Marco das Três Fronteiras (Figura 17) é exemplo de uma paisagem compartilhada entre os três países. Entretanto, nota-se que a parte brasileira da tríplice fronteira passou por um processo de modernização de toda sua infraestrutura nos últimos anos, passando a ofertar mais espaço físico e serviços aos turistas (restaurantes e lojas) e, conseqüentemente, atraindo mais turistas e visitantes que os demais lados argentino e paraguaio.

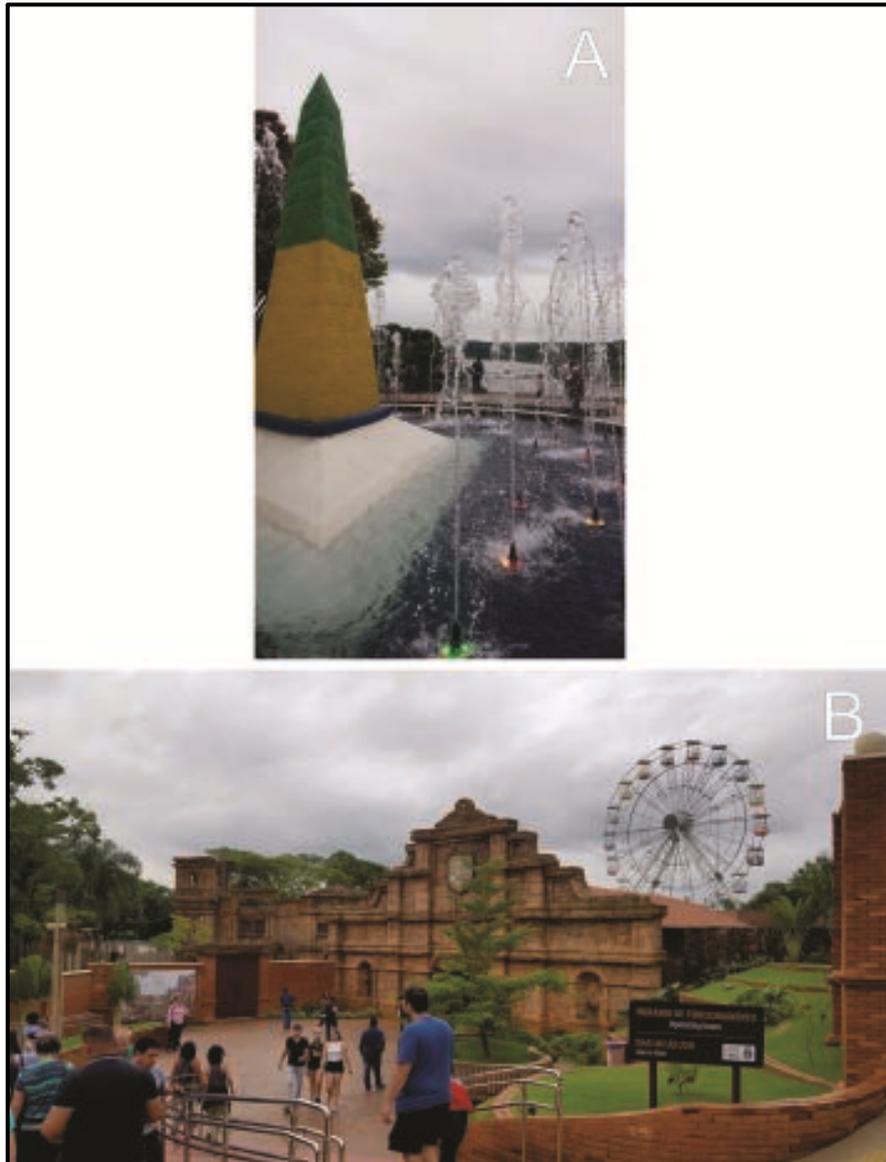
Vale ressaltar que a visita a este local se dá mediante pagamento de uma taxa de R\$ 26,00, se ingresso inteiro, ou R\$ 13,00 para meia-entrada (prevista em lei). O espaço também promove apresentações culturais de danças que remetem aos aspectos históricos e folclóricos marcantes dos três países.

Analisando a fronteira sob a perspectiva das artes plásticas, Szary menciona que

A análise da vitalidade das artes plásticas nesse espaço [fronteira] permite estabelecer as bases de uma abordagem epistemológica que busca compreender como o fechamento de uma fronteira não apenas reativa a produção cultural sobre a fronteira internacional, mas também transforma seu sentido. (SZARY, 2015, p. 413)

É possível afirmar, por meio das apresentações assistidas no Marco das Três Fronteiras, que emerge uma necessidade de reforçar os aspectos culturais e simbólicos hegemônicos de cada país na demonstração de danças. No entanto, tal apresentação-encenação se assemelha mais a uma tentativa de reforço de estereótipos da história cultural de cada país, onde prevalecem o tango argentino, a polca paraguaia e o samba brasileiro, como representações hegemônicas diante de uma multiplicidade de manifestações culturais presentes em cada país.

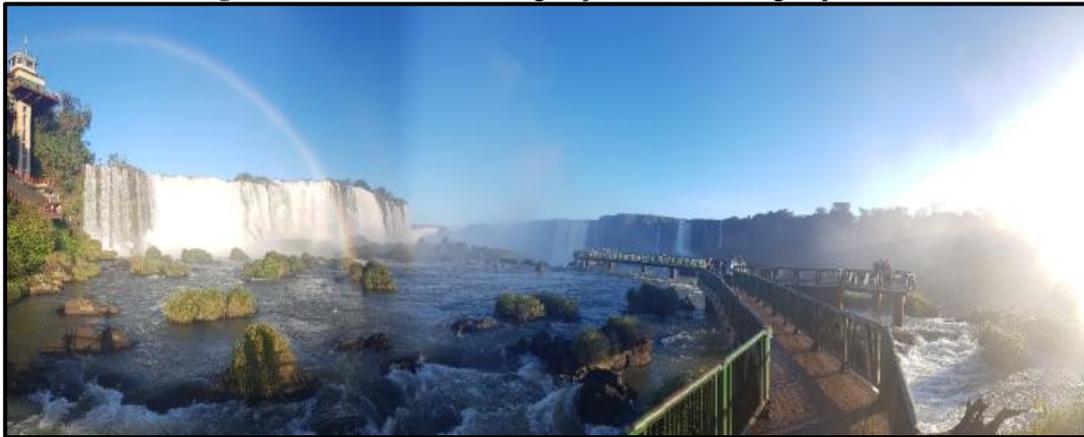
Figura 17 – Marco das três fronteiras em Foz do Iguaçu-PR. A – Fonte no interior do pátio.
B – Pórtico de entrada do Marco das Três Fronteiras.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Por fim, outra área de paisagem natural comum da fronteira é a das mundialmente conhecidas Cataratas do Iguaçu (Figura 18). Apesar de compartilhar a mesma paisagem, Brasil e Argentina mantêm acessos diferentes às cataratas, permitindo experiências diferentes para seus visitantes e turistas. É importante ressaltar que o destino turístico Foz do Iguaçu-PR relaciona-se a três principais atrativos: as cataratas, a possibilidade de compras no Paraguai e a experiência gastronômica da Argentina. Essa relação é semelhante à situação de tríplice fronteira de Szary (2007), de maneira que a condição de compartilhamento da paisagem, em uma região fronteira entre três países, demanda a importância de integração geopolítica para o fomento à atividade turística na zona de fronteira.

Figura 18 – Cataratas do Iguaçu em Foz do Iguaçu-PR.



Fonte: Bruno de Souza Lima (2018).

Considerações finais

O olhar sobre determinado objeto de análise e sua interpretação demanda à pesquisa necessidade de distanciamento, sobretudo quando o pesquisador participa do contexto analisado. Dentre as três zonas de fronteira analisadas no presente trabalho, uma delas (Ponta Porã-Pedro Juan Caballero) costuma fazer parte da realidade de vida dos autores com bastante frequência. Para estes, há uma frequente vivência de um conjunto de práticas difíceis de serem escritas e que só podem ser compreendidas por aqueles que, de fato, estão inseridos no complexo de elementos que estruturam a vida na fronteira. A manifestação das ações individuais e coletivas imprime, tanto no espaço como no tempo, as marcas de uma cultura, um modo de ser e viver e interferem cotidianamente na reprodução das relações sociais.

Dito de outra forma, buscamos demonstrar alguns dos elementos presentes na fronteira que fazem parte do visível e do risível, como por exemplo no caso dos vendedores ambulantes que oferecem, sem nenhum constrangimento, mas de maneira discreta, remédio para impotência sexual do “sogro”, um gesto bastante comum que apenas os que estão acostumados com essa abordagem compreenderão e acharão engraçado.

O campo da prática, ou seja, a possibilidade de vivenciar a experiência de diversas realidades de situações de fronteira, permitiu-nos confrontar as análises teóricas com a realidade de três cidades brasileiras em situação de fronteira. Entre as semelhanças está o disposto em lei quanto ao limite de compras aos turistas de ao máximo U\$ 300,00. No entanto, a cotidiano das práticas sociais, esta fiscalização é diferente em cada zona de fronteira. Na fronteira entre Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero-PY, essa lei fica

“facultada” ao acaso deste turista ser parado pelos órgãos de fiscalização em um posto da Polícia Rodoviária Federal ou da Receita Federal. Por sua vez, na fronteira entre Mundo Novo-MS e Salto del Guairá-PY, a Delegacia da Receita Federal faz um trabalho intensivo de fiscalização, de modo que são maiores as possibilidades de apreensão de mercadorias não declaradas ou acima do limite de U\$ 300,00. Em comum também é a circulação de pessoas nas três fronteiras, ou seja, é possível aos sujeitos irem e virem tranquilamente, sendo o porte de determinadas mercadorias o único elemento capaz de implicar detenção de um sujeito e até mesmo prisão pelos órgãos de fiscalização. Assim, entende-se que os corpos não estão impedidos de ir e vir, mas o porte de mercadorias é um impeditivo do fluxo, podendo decorrer em pena de prisão.

Identificamos que a fronteira, o território e a paisagem compõem o tripé para a compreensão de uma realidade multicultural, onde a atividade turística age no sentido de massificar as relações, demarcando um poder, seja por meio da língua, da moeda utilizada para compra, ou mesmo pela imposição da condição material por parte de quem detêm capital e se coloca acima dos demais sujeitos “do lado de lá”.

Por fim julgamos pertinente esclarecer que este trabalho buscou expressar nossa apreensão momentânea de uma realidade, que é muito mais complexa e cuja análise aprofundada demandaria um esforço ainda maior. Nesse sentido, destacamos que nossa visão (de sobrevoo) acerca das três fronteiras visitadas, longe de esgotar-se, suscita e emerge a importância de se conhecer as dinâmicas e processos que perfazem a fascinante temática dos estudos sobre as zonas de fronteira.

Referências

AB’SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê, 2003.

FERRARI, M. Zona de fronteira, cidades gêmeas e interações transfronteiriças no contexto do MERCOSUL. **Revista Transporte y Territorio**, n. 9, p. 87-104, 2013.

HANCIAU, Núbia J. Entre-Lugar. In: FIGUEIREDO, E. (Org.) **Conceitos de Literatura e cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

MARTINS, J. de S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, L. S. Legado, paisagem e turismo... pelo Minho na procura de uma dimensão sensorial. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade do Porto III**. Vol. I, p. 7-31, 2012.

MARUJO, N.; SANTOS, N. Turismo, Turistas e Paisagem. In: **Revista Investigaciones Turísticas**, N. 4, p. 35-48, 2012.

PEREIRA, C. H. (et. al.). Efeito multiplicador do turismo na fronteira entre Brasil e Paraguai. In: **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 7, n. 4, p. 792-814, 2014.

PUNTEL, G. A. A paisagem na geografia. In: VERDUM, Roberto (Et. Al). (Org.). **Paisagem: leituras, significados e transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). **Território sem limites – estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005. p. 09-15.

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V.; CAVALCANTI, A. P. B. **Geocologia das Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.
RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e planejamento sustentável**. 8ed. Campinas-SP: Papirus, 2001.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. ed. 2. Reimpressão. São Paulo: Edusp, 2006.

SOUZA, M. L. de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevoos” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. In: **CIDADES**, v. 4, n. 6, p. 101-114, 2007.

SZARY, A. A. Artista Passa-Paredes? **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 41, n. 2, p. 412-434, 2015.

SZARY, A. A. Cultura de fronteras. In: "**Frontera, Fronteras**". Beatriz NATES CRUZ (ed.) Editado por Ucaldas. Colombia, octubre 2013.

SZARY, A. A. Gentes y agentes, condiciones paradiplomáticas de la creación de una frontera móvil. **Relaciones transfronterizas y paradiplomacia en América Latina**. Aspectos teóricos y estudios de casos. p. 47-71, 2016.

SZARY, A. A.; GUYOT, S. El turismo transfronterizo en los Andes Centrales: prolegómenos sobre una geopolítica del turismo. Si Somos Americanos. **Revista de Estudios Transfronterizos**, n. 2, p. 58-93, 2007.

VIEIRA, L.; OLIVEIRA, I. J. de. Turismo, espaço e paisagem: uma abordagem geográfica da escolha de destinos turísticos na era digital. In: **IX Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR)**, 2012, São Paulo (SP). Turismo e Patrimônio. São Paulo (SP): Aleph, 2012. p. 1-15.

Artigo recebido em 26-09-2019
Artigo aceito para publicação em 03-05-2021